

CAPÍTULO I

Uma vez que as ruas que conduzem da Strand ao Embankment são muito estreitas, é aconselhável que não as percorramos de braço dado. Se teirmos, os escrivães dos advogados ver-se-ão obrigados a esquivar-se dum salto e a aterrar na lama; as jovens dactilógrafas irão impacientar-se atrás de nós. Nas ruas de Londres, onde a beleza passa despercebida, a excentricidade tem de sofrer as devidas consequências e melhor será não sermos muito altos, trajarmos uma capa azul comprida ou agitarmos a mão esquerda no ar.

Certa tarde dos primeiros dias de Outubro, quando o trânsito começava a acelerar, um indivíduo alto caminhava pela beira do passeio de braço dado com uma senhora. Olhadelas zangadas presenteavam as costas de ambos. As figuras pequenas e apressadas — pois, em comparação com o casal, a maior parte delas era baixa —, enfeitadas com canetas de tinta permanente e carregadas com pastas de despachos, tinham compromissos a que atender e um salário semanal a receber, e, como tal, havia uma certa justificação para os olhares antipáticos que eram oferecidos à altura de Mr. Ambrose e à capa de Mrs. Ambrose. No entanto, um qualquer sortilégio havia-os posto a ambos a salvo da maledicência e da impopularidade. No caso dele, os movimentos dos seus lábios poderiam levar-nos a pensar que se tratava de cogitação; e, no dela, do olhar rigidamente fixo à sua frente, a um nível acima do alcance de quase tudo quanto era sofrimento. Apenas o desdém perante tudo com que se cruzava lhe permitia evitar as lágrimas e era óbvio que a fricção das pessoas que roçavam nela lhe era dolorosa. Depois de observar o trânsito no Embankment durante escassos instantes

com olhar estóico, puxou pela manga do marido e atravessaram a rua por entre os gases dos automóveis que passavam a toda a velocidade. Quando se acharam na segurança do passeio oposto, ela desenlaçou delicadamente o braço do dele, permitindo em simultâneo que a sua boca descontraísse, tremesse; então, as lágrimas deslizaram-lhe pela face e, com os cotovelos apoiados no para-peito, escudou o rosto dos olhares curiosos. Mr. Ambrose tentou consolá-la; deu-lhe palmadinhas no ombro; a mulher, porém, não deu mostras de o acolher e, sentindo-se constrangido perante uma mágoa que era maior que a dele próprio, cruzou os braços atrás das costas e deu meia-volta no passeio.

O Embankment apresenta uns ressaltos aqui e ali, a fazer lembrar púlpitos; ao invés de pregadores, todavia, são rapazinhos que os ocupam, dependurando cordas, atirando seixos ou lançando bolas de papel para um cruzeiro no rio. Com o seu olhar aguçado para a excentricidade, tinham tendência a achar Mr. Ambrose um pavor; todavia, o mais vivaço gritou: «Barba-azul!» à sua passagem. Mr. Ambrose brandiu-lhes a bengala não fosse eles estarem a preparar-se para fazer também troça da esposa, posto o que concluíram que ele era simplesmente excêntrico, e quatro deles, em lugar dum só, puseram-se a gritar «Barba-azul!» em coro.

Apesar de Mrs. Ambrose se manter muito quieta, durante muito mais tempo que seria natural, os rapazinhos deixaram-na em paz. Há sempre alguém a olhar para o rio nas proximidades da Ponte Waterloo; numa tarde soalheira, um casal é capaz de lá ficar a conversar uma boa meia hora; a maior parte das pessoas que andam por ali a passear contempla-o durante cerca de três minutos; posto o que, depois de terem comparado a ocasião com outras anteriores ou proferido algum comentário, seguem em diante. Há momentos em que os edifícios, as igrejas e os hotéis de Westminster se assemelham aos contornos de Constantinopla debaixo de nevoeiro; por vezes, o rio está duma tonalidade purpúrea opulenta, outras da cor da lama, outras ainda cintilante como o mar. Vale sempre a pena olhar lá para baixo e ver o que se passa. Esta senhora, porém, não olhava para baixo nem para cima; a única coisa que vira desde que ali estava era um círculo iridescente que flutuava vagarosamente nas suas águas com uma palha no meio. A palha e o círculo oscilaram uma vez e outra por detrás duma

lágrima gorda e trémula que brotava, e a lágrima subiu e desceu e caiu ao rio. Foi então que lhe chegou aos ouvidos:

— «Lars Porsena de Clusium
Pelos nove deuses jurou.»

E depois mais baixo, como se o declamador tivesse entretanto passado por ela:

— «Que a grande casa de Tarquínio
Jamais voltaria a ser ultrajada.»¹

Sim, ela sabia que deveria regressar a tudo aquilo; naquele momento, porém, precisava de chorar. Escudando a face, soluçou com mais constância do que algum dia soluçara, os ombros a subirem e a descerem com grande regularidade. Foi esta figura que o marido viu quando, depois de ter tocado na esfinge lustrosa, depois de se ter enredado com um homem que vendia postais ilustrados, se virou; a estrofe foi abruptamente interrompida. Chegou-se junto dela, pousou-lhe uma mão no ombro e disse-lhe:

— Minha querida. — A sua voz suplicava-lhe. Mas ela desviou o rosto dele, como se lhe dissesse: «Tu serias incapaz de compreender.»

Todavia, como ele não se fosse embora, ela viu-se forçada a enxugar os olhos e a erguê-los ao nível das chaminés das fábricas na margem oposta. Viu também os arcos da Ponte Waterloo e as carroças que se deslocavam ao longo destes, como uma fiada de animais numa barraca de tiro. Viu-os abstraidamente, mas ver alguma coisa seria obviamente parar de chorar e retomar a caminhada.

— Prefiro ir a pé — disse ela depois de o marido ter feito sinal a um táxi que ia ocupado com dois indivíduos da City.

A rigidez da disposição dela foi-se desfazendo ao longo do passeio. Os automóveis velozes, mais parecidos com aranhas na Lua que com objectos terráqueos, as carroças estrondeantes, os cabriolés tilintantes e as pequenas berlindas pretas levaram-na a reflectir no

¹ Ridley Ambrose cita os versos iniciais de «Horatius», de Thomas Babington Macaulay, retirado de *Lays of Ancient Rome*. (N. da T.)

mundo em que vivia. Algures lá no alto, acima dos pináculos dos quais o fumo se elevava numa vertente íngreme, os filhos estariam nesse momento a perguntar por ela e a ser acolhidos por uma resposta tranquilizadora. Quanto ao aglomerado de ruas, praças e edifícios públicos que os separavam, a única coisa que sentia naquele instante era o pouco que Londres fizera para conquistar o seu amor, não obstante durante trinta dos seus quarenta anos de vida tivesse morado sempre na mesma rua. Sabia como decifrar as pessoas que se cruzavam com ela; havia os ricos que, àquela hora, andavam a correr para as casas uns dos outros; havia os funcionários de vistas curtas que se dirigiam em linha recta para os respectivos escritórios; havia os pobres que eram infelizes e maldosos com razão. Embora o sol ainda brilhasse por entre o nevoeiro, já se viam velhos e velhas esfarrapados a cabecear nos bancos. Se abdicássemos de ver a beleza que revestia as coisas, era aquele o esqueleto subjacente.

Uma chuva miudinha veio deixá-la ainda mais melancólica: carinhas com os nomes dos que se dedicavam a estranhas indústrias — Sprules, fabricantes de serradura; Grabb, a quem não escapa um único papel velho — pareciam-lhe insípidas, como uma piada desenxabida; amantes ousados, abrigados por detrás dum carvalho, pareciam-lhe sórdidos, a sua paixão esgotada; as vendedoras de flores, uma companhia animada, cujas conversas valia sempre a pena ouvir, eram megeras embrutecidas pelo álcool; as flores vermelhas, amarelas e azuis, cujas coroas se comprimiam umas contra as outras, não resplandeciam. Para além do mais, o marido, que caminhava a passo rápido e ritmado, sacudindo ocasionalmente a mão livre, não era um viquingue nem um Nelson ferido; as gaivotas tinham-lhe alterado a disposição.

— Ridley, e se apanhássemos um táxi? E se apanhássemos um táxi, Ridley?

Mrs. Ambrose teve de lhe gritar em tom ríspido; mas ele já ia longe.

O cabriolé, trotando a um ritmo compassado pela mesma rua, não tardou a afastá-los do West End e a mergulhá-los em Londres. Dava a ideia de que se tratava duma vasta área industrializada, onde as pessoas andavam atarefadas a fabricar coisas, como se o West End, com os seus candeeiros eléctricos, as suas grandes jane-

las envidraçadas iluminadas de amarelo, as suas casas com acabamentos esmerados e minúsculas criaturas vivas a trotarem pelo passeio ou transportadas sobre rodas pela estrada a toda a velocidade, fosse a obra acabada. Aos olhos dela, pareceu-lhe uma obra demasiado pequena para ser produzida por uma fábrica tão gigantesca. Sem saber precisar o motivo, fez-lhe lembrar uma pequena borla dourada pendurada na bainha duma enorme capa preta.

Ao constatar que não se cruzavam com nenhum outro cabriolé, mas apenas com carrinhas e carroças, e que nem um único dos milhares de mulheres e homens era dama ou cavalheiro, Mrs. Ambrose compreendeu que, afinal, a pobreza era o mais frequente e que Londres era uma cidade recheada de gente pobre. Perplexa perante esta descoberta e imaginando-se a calcorrear em volta de Piccadilly Circus todos os dias da sua vida, foi com grande alívio que passou por um edifício instituído pelo Comité do Município de Londres para o Ensino Nocturno.

— Santo Deus, que deprimente que isto é! — lastimou-se o marido. — Pobres criaturas!

Pois devido à tristeza pelos filhos, aos pobres e à chuva, o espírito dela era como uma ferida exposta ao ar.

Naquele momento, o cabriolé parou, pois corria o risco de ser esmagado como uma casca de ovo. O Embankment, que era amplo e tinha espaço para balas de canhão e esquadrões, via-se agora reduzido a uma viela calçetada a fumegar do cheiro a malte e a óleo e com carroças a obstruir a passagem. Enquanto o marido se entretinha a ler os avisos afixados nas paredes de tijolo a anunciar a hora da partida de certos navios para a Escócia, Mrs. Ambrose fez o possível por obter informações. Dum mundo exclusivamente ocupado em carregar carroças com sacas, para além de meio envolto num fino nevoeiro amarelo, não podiam contar com auxílio nem atenção. Pareceu-lhes um milagre quando um velho, adivinhando as dificuldades que enfrentavam, se aproximou deles e se prontificou a levá-los até ao navio no seu pequeno barco, que tinha ancorado ao fundo dum lança de degraus. Com alguma hesitação, entregaram-se a seu cargo, instalaram-se nos respectivos lugares e, não tardou, estavam a ondear pelo rio, com Londres encolhida em duas linhas de edifícios de cada lado de ambos, edifícios quadrangulares e oblongos dispostos em fileiras como a avenida de tijolos duma criança.

O rio, que apresentava uma certa dose de luminosidade amarela e agitada, corria com grande ímpeto; barças robustas deslizavam rapidamente, escoltadas por rebocadores; barcos da polícia passavam disparados; o vento era levado pela corrente. O barco a remos desabrigado no qual viajavam oscilava e pedia licença para atravessar o trânsito. A meio da travessia, o velho assentou as mãos nos remos e, com a água a correr impetuosamente por eles, comentou que em tempos costumava atravessar muitos passageiros, ao passo que actualmente era raro isso acontecer. Parecia recordar uma época em que o seu barco, ancorado entre os juncos, transportava pés delicados para os relvados de Rotherhithe.

— Agora só querem pontes — lastimou-se ele, indicando os contornos monstruosos da Tower Bridge. Helen, pesarosa, encarou-o, ao homem que a afastava dos filhos. Melancolicamente, contemplou o navio de que se aproximavam; ancorado a meio da correnteza, mal lhe conseguiam ler o nome: *Euphrosyne*.

Muito vagamente, à luz do crepúsculo que se adensava, vislumbravam a silhueta das enxárcias, dos mastros e da bandeira escura que a brisa enfunava.

À medida que o barquinho ladeava o navio a vapor e o velho armava os remos, ele comentou, uma vez mais, apontando para o alto, que, no dia em que ambos partissem, haveria em todo o mundo barcos a hastear aquela bandeira. À ideia dos dois passageiros, a bandeira azul afigurava-se um símbolo sinistro, mas, uma vez que não era momento para maus pressentimentos, levantaram-se, reuniram os seus pertences e subiram a bordo.

No salão do navio do pai, Miss Rachel Vinrace, de vinte e quatro anos, aguardava ansiosamente a chegada dos tios. Logo para começar, apesar de serem parentes chegados, mal se lembrava deles; a juntar a isso, eram pessoas mais velhas e, por fim, sendo filha de quem era, deveria estar dalgum modo preparada para os receber. Ansiava por vê-los da mesma forma que as pessoas civilizadas em geral anseiam por encontrar pela primeira vez outras pessoas civilizadas, embora estas lhes fizessem lembrar um mal-estar físico a avizinhar-se — um sapato apertado ou uma janela que deixa passar a corrente de ar. Já se sentia forçosamente preparada para os acolher. Enquanto se ocupava a dispor os garfos rigorosamente direitos ao lado das facas, ouviu uma voz masculina a dizer em tom rabugento:

— Numa noite escura, uma pessoa é bem capaz de tombar de cabeça por estas escadas abaixo — ao que uma voz feminina acrescentou:

— E morrer.

No instante em que proferia estas últimas palavras, a mulher surgiu na soleira da porta. Alta, de olhos grandes, envolvida num xaile roxo, Mrs. Ambrose era romântica e bonita; embora talvez não agradável, pois os seus olhos olhavam em frente e examinavam o que viam. O seu rosto era muito mais caloroso que um rosto grego; por outro lado, era de longe mais atrevido que o rosto típico duma inglesa bonita.

— Oh, Rachel, como tens passado? — disse ela, dando-lhe um aperto de mão.

— Como estás tu, minha querida? — cumprimentou-a Mr. Ambrose, inclinando a testa para que a sobrinha lha beijasse. Esta gostou imediatamente do corpo magro e ossudo do tio, das suas feições amplas, dos seus olhos perspicazes e inocentes.

— Vai avisar Mister Pepper — ordenou Rachel ao criado. O casal sentou-se então a um dos lados da mesa, com a sobrinha em frente.

— O meu pai pediu-me que os recebesse — justificou-se ela. — Ele é um homem extremamente ocupado... Conhecem Mister Pepper?

Um indivíduo baixo e curvado, a fazer lembrar a forma como algumas árvores pendem para um dos lados depois dum vendaval, chegara entretanto discretamente. Acenou com a cabeça a Mr. Ambrose e cumprimentou Helen com um aperto de mão.

— As correntes de ar — disse ele subindo a gola do casaco.

— Ainda sofre de reumático? — perguntou-lhe Helen. A sua voz era baixa e sedutora, apesar de levemente abstraída, dado a imagem da cidade e do rio ainda estar presente no seu espírito.

— Uma vez reumático, reumático para sempre, receio bem — respondeu-lhe ele. — Até certo ponto, depende do tempo, embora não tanto quanto as pessoas em geral são levadas a pensar.

— Pelo menos, disso ninguém morre — comentou Helen.

— Em princípio... não — concordou Mr. Pepper.

— Deseja uma sopa, tio Ridley? — sugeriu-lhe Rachel.

— Obrigado, minha querida — disse-lhe ele e, enquanto lhe estendia o prato, suspirou de forma audível: — Ah! Ela não sai

nada à mãe. — Helen já não foi a tempo de assentar o copo na mesa a fim de evitar que a sobrinha ouvisse, nem tão-pouco de enrubescer de vergonha.

— O tratamento que os criados dão às flores! — apressou-se ela a dizer. Puxou uma jarra verde com uma borda plissada para junto de si e começou a retirar os crisântemos pequenos e rígidos, que foi colocando em cima da toalha de mesa, dispondo-os meticolosamente lado a lado.

Fez-se uma pausa.

— Você chegou a conhecer o Jenkinson, não chegou, Ambrose? — perguntou-lhe Mr. Pepper do lado oposto da mesa.

— O Jenkinson de Peterhouse?

— Morreu — anunciou Mr. Pepper.

— Ah, não me diga!... Cheguei sim... aos anos — confirmou Ridley. — Foi ele o herói do acidente da barca, está lembrado? Um fulano esquisito. Casou com uma jovem empregada numa tabacaria e morava em Fens... Depois disso, nunca mais soube nada dele.

— Bebida... drogas — disse Mr. Pepper com uma concisão sinistra. — Deixou um ensaio qualquer. Uma trapalhada que ninguém se entende, ao que me constou.

— O homem tinha grandes capacidades — observou Ridley.

— A introdução que fez à obra do Jellaby ainda mantém a sua actualidade — prosseguiu Mr. Pepper. — O que não deixa de ser surpreendente, tendo em conta a rapidez com que os livros didácticos mudam.

— E também tinha uma teoria qualquer a respeito dos planetas, não tinha? — indagou Ridley.

— Faltava-lhe um parafuso qualquer, disso não há dúvida — concluiu Mr. Pepper, abanando a cabeça.

Nesse momento, porém, um tremor percorreu a mesa e a luz no exterior oscilou. Em simultâneo, uma campainha eléctrica soou repetida e estridentemente.

— E lá vamos nós — disse Ridley.

Uma onda ligeira mas perceptível pareceu rolar por debaixo do soalho; em seguida abateu; depois veio outra, mais perceptível. As luzes deslizaram através da janela, cujas cortinas se abriram. O navio soltou um sonoro gemido melancólico.

— E lá vamos nós! — exclamou Mr. Pepper. Os outros navios, tão tristes como aquele, responderam-lhe lá de fora, no rio. Os risos abafados e os silvos da água eram nitidamente audíveis, e o navio soergueu-se de tal maneira que o criado de bordo que trazia as travessas teve de se equilibrar para afastar a cortina. Fez-se uma pausa.

— E o Jenkinson de Cats... ainda se mantém em contacto com ele? — perguntou-lhe Ambrose.

— O mesmo do costume — informou-o Mr. Pepper. — Encontramo-nos uma vez por ano. Este ano ele teve a infelicidade de perder a mulher, o que tornou a situação penosa.

— Extremamente penosa — concordou Ridley.

— Há uma filha solteira que lhe governa a casa, creio eu, mas nunca é a mesma coisa, sobretudo na idade dele.

Os dois cavalheiros assentiram com a cabeça com ar judicioso enquanto descascavam as maçãs.

— E também houve um livro qualquer, não foi? — inquiriu Ridley.

— *Houve* de facto um livro, mas nunca *haverá* um livro — respondeu Mr. Pepper com uma ferocidade tal que as duas senhoras fixaram o olhar nele.

— Nunca *haverá* um livro porque houve alguém que o escreveu por ele — acrescentou Mr. Pepper com considerável acrimónia. — É nisso que dá estar constantemente a adiar as coisas, a perder o tempo a coleccionar fósseis e a construir arcos normandos nas pocilgas.

— Confesso que o entendo bem — disse Ridley com um suspiro melancólico. — Sinto uma certa afinidade com pessoas que não conseguem começar nada.

— ... É o conjunto duma vida que se perde — continuou Mr. Pepper. — Ele acumulou coisas que chegavam para encher um celeiro.

— Trata-se dum vício a que alguns de nós conseguem escapar — comentou Ridley. — O nosso amigo Miles vai publicar outro trabalho hoje.

Mr. Pepper soltou uma gargalhada azeda.

— De acordo com os meus cálculos — disse —, ele tem vindo a produzir dois volumes e meio por ano, o que, tendo em conta

o tempo que passou no berço e por aí em diante, revela um dinamismo louvável.

— Sem dúvida, o que o velho Mestre disse dele foi bastante acertado — comentou Ridley.

— Tinham um certo jeito — assentiu Mr. Pepper. — Conhece a colecção Bruce?... Não para publicação, claro está.

— Parece-me bem que não — disse Ridley em tom substancial. — Para teólogo, ele até era... consideravelmente livre.

— Refere-se a *The Pump in Neville's Row*, por exemplo? — indagou Mr. Pepper.

— Nem mais — anuiu Ambrose.

Ambas as senhoras, fazendo jus ao seu sexo, altamente treinado para incentivar as conversas masculinas sem lhes prestar atenção, eram capazes de pensar (acerca da educação das crianças, acerca da utilização de sirenas de nevoeiro na ópera, por exemplo) sem se traírem. Helen só ficou com a impressão de que Rachel talvez fosse um nadinha passiva de mais para uma anfitriã e que não lhe faria mal se gesticulasse um pouco mais.

— E se...? — sugeriu ela por fim, ao que ambas se levantaram e foram embora, para vaga surpresa dos cavalheiros, que ou as tinham julgado atentas ou se tinham esquecido da sua presença.

— Ah, as histórias estranhas que antigamente se contavam — ouviram Ridley dizer, tornando a afundar-se na cadeira. Ao deitar uma olhadela por cima do ombro para a porta, viram Mr. Pepper como se este tivesse subitamente desapertado a indumentária e se tivesse transformado num velho chimpanzé cheio de vivacidade e malícia.

Com a cabeça envolta em véus, as mulheres percorreram o convés. Deslocavam-se agora a um ritmo constante ao longo do rio, passando pelas silhuetas escuras dos navios ancorados, e Londres era um enxame de luzes com um dossel amarelo-pálido sobranceiro. Havia as luzes dos grandes teatros, as luzes das ruas compridas, luzes que indicavam enormes quadrados de conforto doméstico, luzes que pairavam bem alto no ar. Não haveria nunca escuridão capaz de toldar aqueles candeeiros, tal como acontecera ao longo de centenas e centenas de anos. Parecia terrível que a cidade estivesse condenada a resplandecer para sempre no mesmo local; terrível pelo menos para pessoas que se preparavam para se aventurar ao mar e que a obser-

vavam como um montículo circunscrito, eternamente calcinado, eternamente dilacerado. Do convés do navio, a grande cidade afigurava-se uma criatura cobarde e agachada, uma avarenta sedentária.

Debruçadas sobre a amurada, lado a lado, Helen disse:

— Não vais ficar com frio?

Rachel respondeu-lhe:

— Não... Que lindo! — acrescentou passado um instante. Pouco se via: uns quantos mastros, uma sombra de terra aqui, uma fiada de janelas iluminadas ali. Esforçavam-se por resistir à força do vento.

— Mas que ventania... que ventania! — ofegou Rachel, as palavras a calcarem-se-lhe na garganta. Debatendo-se a seu lado, Helen foi subitamente dominada pelo espírito do movimento e seguiu em frente com a saia a enrodilhar-se-lhe em volta dos joelhos e ambas as mãos a segurar o cabelo. Todavia, o entusiasmo do movimento não tardou a esgotar-se e o vento tornou-se frio e agreste. Espreitaram por uma fresta da persiana e repararam que os homens estavam a fumar longos charutos na sala de jantar; viram Mr. Ambrose projectar-se violentamente contra as costas da cadeira, enquanto Mr. Pepper engelhava as faces como se tivessem sido esculpidas em madeira. Até elas chegou o eco duma gargalhada, sendo de imediato abafado pelo vento. Na sala iluminada dum tom frio de amarelo, Mr. Pepper e Mr. Ambrose mantinham-se alheios ao tumulto; achavam-se em Cambridge, provavelmente à roda do ano de 1875.

— São velhos amigos — afiançou Helen, sorrindo perante aquela imagem. — Bom, haverá alguma sala onde nos possamos sentar?

Rachel abriu uma porta.

— É mais uma área de desembarque que uma sala — informou ela. De facto, não possuía nada do carácter fechado e estacionário duma sala em terra. Havia uma mesa embutida no meio e cadeiras fixas dos lados. Afortunadamente, os sóis tropicais tinham desbotado as tapeçarias, dando-lhes um tom azul-esverdeado, e o espelho, com uma moldura de conchas, obra do amor dum criado de bordo, quando o tempo se detinha pesadamente sobre os mares do Sul, era mais exótico que propriamente feio. Conchas retorcidas com bordas vermelhas como chifres de unicórnio adornavam a consola

da lareira, que estava tapada com uma coberta de veludo roxo da qual pendiam um certo número de borlas. Tinha duas janelas que davam para o convés e a luz que entrava de chapa através delas quando o navio era assado no Amazonas conferia às gravuras na parede oposta uma tonalidade amarelo-pálida, de modo que *O Coliseu* mal se distinguia d'*A Rainha Alexandra a Brincar com os Seus Spaniels*. Um par de cadeiras de verga junto à lareira convidava a aquecer as mãos à grade cheia de aparas douradas; por cima da mesa, pendia um grande candeeiro; o género de candeeiro que projecta a luz da civilização sobre o escuro a quem ande a passear pelo campo.

— É estranho que, para Mister Pepper, todos sejam seus velhos amigos — comentou Rachel nervosamente, pois a situação era difícil, a sala estava fria, e Helen curiosamente silenciosa.

— E tu leva-lo a sério? — indagou a tia.

— Ele é mesmo assim — disse Rachel, encontrando por acaso um peixe fossilizado dentro duma bacia e mostrando-o a Helen.

— Parece-me que estás a ser demasiado severa com ele — opinou esta.

Rachel tentou de imediato moderar o comentário, embora contra a sua opinião.

— Não que eu o conheça bem — disse ela, refugiando-se nos factos, convicta de que os mais velhos os preferem aos sentimentos. Expôs o que sabia a respeito de William Pepper. Contou a Helen que, quando estavam em casa, ele todos os domingos os costumava visitar; os seus conhecimentos abrangiam um vasto leque: matemática, história, os Gregos, zoologia, economia e as sagas da Islândia. Vertera poesia persa em prosa inglesa, e prosa inglesa em jambos gregos; era uma autoridade em moedas e... mais uma coisa... ah, pois, ela achava que era qualquer coisa relacionada com o trânsito.

Ele estava ali ou para retirar qualquer coisa do mar ou para escrever sobre a provável rota de Ulisses, pois, afinal de contas, o grego era o seu passatempo predilecto.

— Eu tenho uma série de brochuras — prosseguiu ela. — Umhas pequenas brochuras. Uns livrinhos amarelos. — Não dava a ideia de que os tivesse lido.

— Ele alguma vez esteve apaixonado? — quis saber Helen, que entretanto se sentara numa cadeira.

Isto constituía um desvio inesperado ao assunto.

— O coração dele é um bocado de sapato de cabedal velho — declarou Rachel, deixando cair o peixe. Todavia, ao ser questionada, viu-se forçada a admitir que nunca lhe perguntara.

— Pois eu ainda lhe hei-de perguntar — decidiu Helen. — Da última vez que te vi, estavas a comprar um piano — prosseguiu ela. — Lembras-te... o piano, a sala no sótão e aquelas plantas enormes cheias de espinhos?

— Sim, e as minhas tias a dizerem que o piano acabaria por fazer abater o chão, mas que, na idade delas, quem é que se importaria de morrer durante a noite?

— Há pouco tempo tive notícias da tia Bessie — afirmou Helen. — Ela tem receio de que, à força de tanto estudares piano, ainda acabes por estragar os braços.

— Os músculos do antebraço... e que depois ninguém se há-de querer casar comigo?

— Ela não expôs a questão exactamente nesses termos — assegurou-lhe Mr. Ambrose.

— Oh, não... Isso seria impensável — retorquiu Rachel com um suspiro.

Helen olhou para ela. O seu rosto tinha mais de frágil que de decidido, poupado à insipidez por uns grandes olhos inquisitivos; negado à beleza, agora que se recolhia dentro de casa, pela falta de cor e contornos nítidos. Para além disto, uma hesitação na fala, ou melhor, uma tendência para usar as palavras inadequadas, faziam-na parecer ainda mais tola que o que seria de esperar numa rapariga da sua idade. Mrs. Ambrose, que estivera a falar um pouco ao acaso, reflectia agora que não estava propriamente ansiosa pela intimidade forçada de três ou quatro semanas a bordo dum navio. As mulheres da sua idade em geral entediavam-na e calculava que as raparigas seriam pior ainda. Tornou a mirar Rachel. Claro! Que outra coisa seria de esperar senão que ela se mostrasse hesitante, emotiva e que aquilo que se lhe dizia não surtisse um efeito mais duradouro que o toque dum galho ao cair à água? Não havia nada de constante nas raparigas; nada de sólido, permanente, satisfatório. Teria Willoughby dito três semanas ou teria ele dito quatro? Tentou puxar pela memória.

Naquele momento, porém, abriu-se uma porta e um indivíduo alto e entroncado entrou na sala, acercou-se de Helen e apertou-lhe a mão com uma cordialidade algo emotiva. Willoughby em pessoa, o

pai de Rachel, cunhado de Helen. Uma vez que, sendo de constituição robusta, seria preciso muita carne para fazer dele um homem gordo, não o era de facto; a cara era também de estrutura larga e, pelas feições miúdas e rubor das faces, com aspecto de ser mais adequada a suportar as inclemências atmosféricas que a expressar sentimentos e emoções ou a reagir a estes quando se manifestavam nos demais.

— É um enorme prazer ter-te a bordo — declarou ele. — Para nós os dois.

A uma olhadela do pai, Rachel murmurou obedientemente.

— Vamos fazer tudo ao nosso alcance para assegurar o teu conforto. E o do Ridley. Consideramos uma honra tê-lo a nosso cargo. O Pepper terá alguém capaz de argumentar com ele... coisa que eu não me atrevo a fazer. Já viste que crescida está esta criança? Está uma autêntica senhora, não está?

Ainda de mão dada com Helen, passou um braço em volta dos ombros de Rachel, causando-lhes assim uma proximidade desconfortável, mas Helen absteve-se de olhar para a sobrinha.

— Achas que ela faz jus aos pais? — interrogou-a ele.

— Ah, claro — respondeu-lhe Helen.

— Porque nós esperamos muito dela — continuou ele, apertando o braço da filha e soltando-a. — Mas agora falemos sobre ti. — Sentaram-se lado a lado no pequeno sofá. — Deixaste os teus filhos bons de saúde? Devem estar prontos para começar a escola, suponho eu. Eles saem a ti ou ao Ambrose? Devem ser umas inteligências, disso não tenho qualquer dúvida.

Ao ouvir isto, Helen mostrou-se muito mais animada que até aí e explicou-lhe que o filho tinha seis anos e a filha dez. Toda a gente dizia que o rapaz era parecido com ela e a menina com o pai. Quando à inteligência, eram ambos crianças vivas, achava ela, e, em tom de modéstia, aventurou-se a contar um episódio que se passara com o filho — como, deixado por sua conta, tinha pegado numa noz de manteiga, atravessado a sala a correr e deitado a noz na lareira, apenas pelo gozo que isso lhe dava, algo que a mãe entendia perfeitamente.

— E tu tiveste de mostrar ao grande maroto que partidas des-sas não se fazem, não é verdade?

— A uma criança de seis anos? Não me parece nada de grave.

— Eu sou um pai à moda antiga.

— Que disparate, Willoughby; a Rachel que está aqui sabe-o melhor que ninguém.

Por muito que Willoughby tivesse apreciado que a filha o elogiasse, ela não o fez; os olhos dela mantiveram-se tão inexpressivos como água, os dedos ainda entretidos a remexer no peixe fossilizado, o espírito ausente. Os mais velhos passaram então a abordar as medidas que poderiam ser tomadas para assegurar o conforto de Ridley — uma mesa colocada onde ele não poderia deixar de contemplar o mar, longe das caldeiras, enquanto, em simultâneo, protegida da vista de quem passasse. A menos que aproveitasse o facto de os seus livros estarem todos emalados para fazer umas férias, não teria férias de todo; pois, uma vez chegados a Santa Marina, Helen sabia por experiência própria que o marido passaria o dia inteiro a trabalhar; as malas dele, disse, estavam cheias de livros.

— Deixa que eu cá me encarrego disso! Deixa que eu cá me encarrego disso! — asseverou-lhe Willoughby, obviamente determinado a fazer muito mais que o que ela lhe pedia. Nesse instante, porém, ouviram Ridley e Mr. Pepper a tentar abrir desajeitadamente a porta.

— Como tens tu passado, Vinrace? — indagou Ridley, estendendo-lhe uma mão frouxa quando vinha a entrar, como se o encontro pesasse a ambos, mas, no seu todo, mais a ele próprio.

Willoughby conservou a cordialidade, mas temperou-a com respeito. De momento, não tinha nada a dizer.

— Nós fomos espreitar-vos e vimos-vos a rir — observou Helen. — Mister Pepper tinha acabado de contar uma óptima história.

— Qual quê! Nenhuma das histórias prestou para nada — ripostou o marido em tom de enfado.

— Ainda não te cansaste de ser um juiz severo, Ridley? — indagou Mr. Vinrace.

— Nós aborrecemos-vos tanto que vocês se fartaram e se foram embora — disse Ridley dirigindo-se à mulher.

Andando ele tão perto da verdade, Helen não se deu ao trabalho de o contrariar, e o seu comentário seguinte: «Mas não melhoraram depois de nos termos ido embora?», revelou-se infeliz, pois o marido respondeu-lhe com um descair de ombros:

— Por impossível que pareça, ainda pioraram mais.

A situação era agora de visível desconforto para todos os envolvidos, como ficou provado pelo longo intervalo de tensão e silêncio.

Mr. Pepper, aliás, criou uma espécie de diversão ao sentir a corrente de ar chegar-lhe aos tornozelos, dando um salto no lugar e sentando-se com as pernas encolhidas, no gesto típico duma solteirona que detecta a presença duma ratazana. Ali sentado, a sugar o seu charuto, com os braços em volta dos joelhos, fazia lembrar o Buda e, do alto da sua dignidade, deu início a um discurso, dirigido a ninguém em particular, pois ninguém lho pedira, a respeito das profundezas insondáveis do oceano.

— Não, não — riu-se Willoughby —, os monstros da terra já me dão que fazer quanto baste!

Rachel foi ouvida a suspirar: — Pobres cabritas!

— Se não fossem as cabras, não existiria a música, minha querida; a música depende das cabras — declarou o pai com uma certa rispidez, e Mr. Pepper lançou-se numa descrição dos monstros baços, glabros e cegos que viviam enroscados nas cristas de areia do fundo do mar e que explodiam quando eram trazidos para a superfície, despedaçando-se, e com as entranhas, livres de compressão, espalhadas ao vento, em considerável pormenor e com tal ostentação de sabedoria que Ridley ficou enojado e pediu encarecidamente que se calasse.

De tudo isto, Helen retirou as suas próprias ilações, que foram bastante deprimentes. Pepper era um maçador; Rachel era uma rapariga pouco polida, indubitavelmente prolífica em confidências, a primeira das quais seria: «Sabe a tia, eu não me dou bem com o meu pai.» Willoughby, como de costume, não se cansava de gabar a sua actividade e o império que construía e, entre todos, ela haveria seguramente de se aborrecer. Como mulher de acção que era, porém, levantou-se e anunciou que, pela parte que lhe tocava, se ia deitar. À porta, deitou uma olhadela instintiva a Rachel, esperando que, como membros do mesmo sexo, se retirassem da sala juntas. Rachel levantou-se, contemplou vagamente o rosto de Helen e comentou com um leve balbuciar:

— Eu vou c-c-celebrar ao vento.

As piores suspeitas de Mrs. Ambrose viram-se então confirmadas; desceu o corredor a cambalear dum lado para o outro amparando-se à parede, ora com o braço direito, ora com o esquerdo; a cada solavanco, exclamava enfaticamente:

— Bolas!